



Em SL, a Semana S mobilizou empresários e a população em ação conjunta com a CNC

• PAG 4



Altos executivos do Sistema Fecomércio no Maranhão com brincantes do Boi Barrica

Mulheres que fazem a diferença foram homenageadas pela Assembleia Legislativa

• PAG 5

Herbet Alves



DESTAQUE

para a apresentadora de TV Madalena Nobre, que todos os anos homenageia pessoas que ela elege como personalidades da vida maranhense, com o troféu Prêmio Nobre. Ela está na primeira edição da exposição Mulheres Brilhantes, que o fotógrafo Herbet Alves realiza no dia 29 de maio (quinta-feira), no Salão Dila, do Convento das Mercês

A barba por fazer, o Brasil por fazer – comenta um amigo que passa apressado por mim. É, a barba pode ser feita, mas o Brasil talvez não. Continuo minha caminhada após despertar do sono dolorido como um dedo que recebeu o talho de uma navalha. O sono sangrado pelo sol da manhã raiada.

Ouçõ vozes do outono que já é inverno. Aqui nos trópicos é assim: a claridade tem cordas vocais que berram raios fúlgidos. Como aqueles do hino nacional que incendiam o céu da pátria, salve, salve. Vozes de maio de calor que acordam quem tenta dormir mais um pouco para esquecer quem precisa fazer a barba e o Brasil.

Meus pensamentos viajam e encontro dois homens lançando dados sobre mesa no quadro Os Jogadores, de Mathieu le Nain (1607-1677), enquanto três pessoas envolvem-se no suspense. Existem ainda dois cachorros e nuvens lá fora. A tela do Rijksmuseum, de Amsterdã, sugere que a vida é um jogo. Quantos chegarão ao fim do ano como se procurassem chegar ao fim da vida?

Há sempre uma resposta cortante como lâmina afiada. E há sempre perguntas que não querem calar.

O que havia, por exemplo, de tão fascinante

SÃO LUIS

se transformou em livre território muito além das quatro estações

com os anos 1960? Certamente, o clima – diriam os saudosistas. O clima, no caso, é algo mais do que as quatro estações. No começo dos anos 1960, quando desembarquei para sempre nesta São Luís que serve ótimos crepúsculos, como diria o poeta Lago Burnett (1929-1995), as quatro estações já eram inteiramente malucas: teve dia que senti muito frio em São Luís.

Clima, nos Anos Dourados, aliás, era todo aquele doce, ingênuo otimismo pairando no ar. Tínhamos sido campeões na Suécia em 1958, mas, para que ninguém duvidasse de quem jo-

gava o melhor futebol do planeta, repetimos a dose no Chile em 1962. Foi também lá em Santiago que ganhamos o primeiro mundial de basquete. Maria Esther Bueno colecionava taças em Wimbledon. Eder Jofre era imbatível no ringue, ninguém superava o salto triplo de Ademar Ferreira da Silva. E eu podia encomprar essa lista lembrando que aquele foi também o tempo do auge da Bossa Nova, do nascimento do Cinema Novo, da construção de Brasília. Um tempo diverso e único em que um sorridente mineiro fez surgir automóveis, estradas, usinas, descobriu o

Oeste, abriu caminho para um futuro que não houve, mas não por culpa dele.

Algumas pessoas têm escrito sobre esse tempo. Mas o que acho hoje de mais fantástico, naquele Brasil de antes dos Anos de Chumbo, naquela São Luís de antes dos Anos Opacos, quando o ar se embriagava com a poeira dos dias, era que o medo ainda não se tornara a companhia mais constante das pessoas. As residências da cidade viviam abertas; ninguém tinha noção do que fosse um porteiro eletrônico. As portas e janelas dispensavam grades. Se você ia a um show, podia estacionar tranquilo: as ruas ainda não eram propriedade dos flanelinhas. A noite era um livre território que podia começar com um cinema, emendar com uma reunião dançante, culminar numa tertúlia do Litero. E nas madrugadas e antemãs de boêmia, se você não descolasse um bonde, podia caminhar sereno por longos estirões de ruas, avenidas, parques, sem maior risco que o de apanhar um resfriado.

E quando você chegava em casa, tudo estava em paz. A paz habitava as faces de quem você amava. A paz habitava os seus sonhos. E em quietude você mergulhava, como num largo rio que não tem pressa de seu encontro com o mar.

Fotos/ Divulgação/



Algumas bagagens podem fazer até mesmo o passageiro ser preso

ÁREA RESTRITA: CONFIRA ITENS CURIOSOS QUE SÃO PROIBIDOS EM AVIÕES

Algumas bagagens podem fazer até mesmo o passageiro ser preso

Muitas pessoas planejam viagens até meses antes de irem ao aeroporto para que nada dê errado, porém, um pequeno descuido e o estresse pode começar

antes mesmo do embarque no avião, pois alguns itens, mesmo que pareçam inofensivos, são proibidos de embarcar.

Cigarros eletrônicos:

Um item que vem se tornando muito comum nos últimos tempos, cigarros eletrônicos são proibidos de serem transportados em bagagens despachadas. Porém, para bagagens de mão, o assunto é diferente, já que em voos nacionais, seu transporte é legalizado conforme orientação da Anvisa, mas para o caso de voos internacionais com destino ao Brasil eles são proibidos.



Celular Samsung Galaxy Note 7

Este modelo em específico de telefone celular é proibido de ser transportado em um avião por conta do risco de explosões e incêndios que sua bateria oferece. Levar um desses aparelhos em um voo aos Estados Unidos pode gerar uma multa de até US\$ 179.933 e 10 anos de prisão.



Lâminas de barbear:

Sendo um item muito comum para o trato estético das pessoas, as lâminas de barbear são proibidas de embarcar nos aviões como bagagem de mão, e por se tratarem de um item de uso de higiene, muitas vezes pode passar batido quando estamos montando as malas.

Insulina e caneta de aplicação de insulina

Neste caso, estes itens não são proibidos em bagagens despachadas, porém caso levados na bagagem de mão, podem causar uma leve confusão, já que em voos internacionais seu embarque é mais burocrático, visto que, caso o recipiente possua mais de 100 ml ele pode ser barrado caso o passageiro não esteja com a devida prescrição médica, seja ela digital ou física ou se for uma quantidade maior do que a necessária para o tempo de voo. Caso os dois requisitos sejam cumpridos, seu transporte é legal.



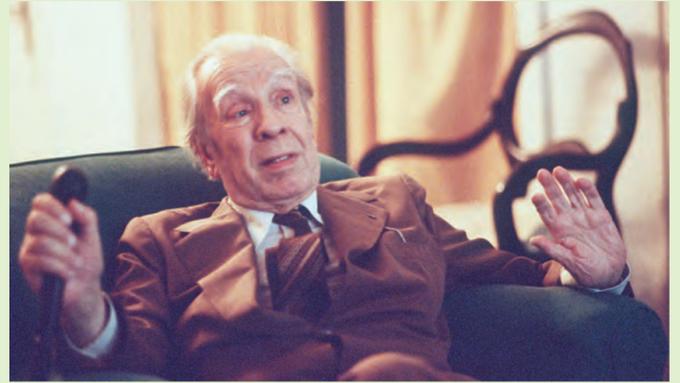
Medicações

Nenhum medicamento tem restrição para o embarque em si, porém vários remédios que são dados como legais no Brasil, podem ser tratados como ilegais em outros países, veja alguns deles: Dipirona, Nimesulida, Ritalina e Rivotril. O conselho para o transporte dessas medicações é, leve a receita médica, levar os remédios em sua embalagem original, sendo válido até levar uma tradução de uma guia explicando o motivo do uso do remédio. Porém em alguns casos onde o embarque do medicamento é estritamente proibido, sendo impossível o embarque sem o descarte prévio.



JORGE LUIS BORGES: POR QUE LER O AUTOR MAIS PREMIADO DA LITERATURA ARGENTINA

Reprodução



O contista mais premiado da literatura argentina, com obras traduzidas para mais de 38 idiomas, é também um dos maiores escritores da literatura do século 20

É Um dos maiores escritores de língua espanhola do século 20, Borges, mais famoso pela obra-prima O Aleph (1949), teve uma formação robusta, que explica, em parte, seu repertório longo de referências históricas, seu amor por mitos e pelo folclore, e seu conhecimento extenso de outros autores e obras brilhantes.

Além de ter vivido na Suíça com a família durante parte da vida, Borges viajou pela Espanha e, depois, decidiu estudar Direito na Universidade de Buenos Aires. Também estudou na Universidade de Cambridge, no Reino Unido (país que é plano de fundo de alguns de seus contos), para tornar-se professor.

Borges passou a lecionar Literatura na Universidade de Buenos Aires e, em 1955, foi tornado o diretor da Biblioteca Nacional do país.

O trabalho de Borges, que se tornou internacionalmente famoso em 1960, com a tradução de suas obras nos EUA e na Europa, tem um traço de surrealismo e narrativa fantástica, embora, em alguns de seus contos, ele diga, a partir da perspectiva de seu narrador (afeito à primeira pessoa), não gostar de enfeitar a realidade.

Mas é assim que a genialidade de Borges se faz: com uma escrita sóbria e, a um primeiro instante, crua, a forma de falar, com frases curtas e aparentemente objetivas, mas envoltas de repente em metáforas disfarçadas de referências, ele envolve o leitor e o transporta, sem que perceba, à sua atmosfera narrativa.

Escritor mais premiado da literatura argentina, com obras traduzidas para mais de 38 idiomas, Borges recebeu o Prêmio Nacional de Literatura, em 1961, e o Prêmio Cervantes em 1980.

Em seu O Aleph, o livro de histórias curtas por que é mais conhecido, que influenciou autores como o Nobel de Literatura Mario Vargas Llosa, Borges fala da condição humana, da pretensão de imortalidade, expõe lendas e usa símbolos para tratar, de maneira metafísica, da relação dialética entre finito e infinito.

No conto que dá o nome à obra, O Aleph, o protagonista se depara – e pensa ter enlouquecido – com um ponto minúsculo na escada de um porão que “dá para o mundo inteiro”.

Borges cria, n' O Aleph, um espaço “particular de um infinito inalcançável”, como descreve em artigo Pedro Breja Aguiar.

“Borges desestrutura a narrativa tradicional com a ideia de infinito, uma narrativa sem fim, um tempo sem fim, um universo sem fim, e, assim, desestabiliza não apenas a relação entre o fictício e o real, como também corrói a linha que separa o humano e o divino”, prossegue.

O tom fantástico é sempre disfarçado sob o cotidiano de um observador resignado, que é levado a experimentar o que há de mais inverossímil no mundo, ou a interpretá-lo com a bagagem cultural (que costuma ser rica) que traz consigo.

Escritor de contos, Borges tem em Ficciones, que recebeu o Prêmio Internacional de Literatura em 1961, outro de seus títulos mais famosos.

Dividido em duas partes, Ficciones começa com O Jardim de Caminhos que se Bifurcam, que inclui uma crítica literária do autor de Dom Quixote e uma abordagem metafísica da cidade de Babel, em que um bibliotecário tenta decifrar mensagens contidas nos volumes de uma biblioteca infinita, que guarda “todas as possibilidades da realidade” (um eco frequente nas suas produções: a infinidade se limita pelo que nela é findo).

A segunda parte, “Artíficos”, traz contos sofisticados, inclusive uma digressão sobre as três possíveis versões de Judas, escritas como crítica à obra de um teólogo fictício. O narrador teoriza o papel de Judas como instrumento necessário de Deus, sua figura de asceta ou, talvez, de próprio Deus: teria Deus se feito homem, e se feito Judas, a fim de sofrer o sofrimento absoluto e negar-se toda a Glória?

No seu Livro de Areia, de 1975, publicado postumamente, Borges traz uma coletânea de contos que escreveu em idade avançada, com narradores em primeira pessoa e também eles mesmos frequentemente idosos.

O primeiro conto da obra, O Outro, narra um encontro do protagonista com ele mesmo, mas alguns anos no passado.

Nele, Borges menciona um fato que é também biográfico: na idade avançada, ganhou uma cegueira parcial que lhe afetou a visão, mas o tornou ainda mais literário.

No conto, os personagens se encontram corriqueiramente num banco que encara o rio, um mais velho e um mais novo, mas ambos a mesma pessoa, descobrem que não conseguem se entender. “Éramos diferentes demais e parecidos demais”, diz o narrador, o homem mais velho. “Na Inglaterra seu nome é fetch ou, de modo mais livreiro, wraith of the living; na Alemanha, Doppelgänger. Suspeito que um de seus primeiros apelidos tenha sido o de alter ego. Esta aparição espectral terá procedido dos espelhos de metal ou de água, ou simplesmente da memória, que faz de cada um deles um espectador e um ator. Meu dever era conseguir que os interlocutores fossem

suficientemente diferentes para serem dois e suficientemente parecidos para serem um”, dirá Borges sobre o conto. Vários dos contos do Livro de Areia são histórias tomadas pelas considerações do narrador, que está cansado e amadurecido, “não acredita nos métodos do realismo, gênero artificial, se é que isso existe”, e “prefere revelar de uma vez só o que compreendeu gradualmente”.

“Para um pobre rapaz provinciano, ser jornalista pode ser um destino romântico, assim como um pobre rapaz da capital pode imaginar que é romântico o destino de um gaúcho ou de um peão de chácara”, diz o narrador de seu conto O Congresso.

No conto, o narrador fala de um projeto utópico, o “Congresso do Mundo”, que reúne representantes de toda a humanidade, nações, classes e idiomas para formar um tipo de parlamento universal.

Embora a ideia seja absurda, nas palavras de Borges se torna um acontecimento inequívoco, presenciado pelo narrador de maneira passageira. O grupo de congressistas mundiais se dedica a “aprender todas as línguas”, “estudar todas as culturas” e tem a pretensão de organizar uma biblioteca universal para condensar esse conhecimento.

No conto que dá o nome à coletânea, O Livro de Areia, o narrador se torna um colecionador de livros raros que recebe a visita de um vendedor de Bíblias. O homem mostra a ele o “Livro de Areia”, um livro sem fim nem começo, no qual é impossível voltar à mesma página duas vezes. O narrador oferece sua aposentadoria pelo livro, que o vendedor havia comprado de um homem que não sabia ler “em troca de umas rúpias e da Bíblia”.

O conto abre com um trecho de um poema de George Herbert: “thy rope of sands”, uma metáfora para a prisão da própria mente, em que as limitações são autoimpostas, mas, assim como uma corda feita de areia, podem ser facilmente rompidas.

A obra de Borges é grande porque muitas vezes se disfarça de trivial (e disso não tem nada). É um retrato de muitos mundos, de espaços infinitos que se comprimem o tempo inteiro por nós mesmos, mas podem ser acessados com alguma habilidade de observação mais atenta.

Os personagens de Borges são, como é natural, ele mesmo: simples e curiosos, dotados de um saber de mundo específico, eles se dispõem a conversar com os elementos que compõem a realidade, e isso, como se sabe, também a modifica.

Afinal, dirá um personagem de Borges, “existirá na Terra algo sagrado ou algo que não o seja?”



Reprodução

A CRIAÇÃO DE ADÃO

Responsável por pintar o teto da Capela Sistina, no Vaticano, entre 1508 e 1512, Michelangelo marcou a arte ocidental – em especial, pelo painel acima. A obra representa a criação de Adão, mas não se resume à religiosidade do tema: presta, também, uma simbólica homenagem à ciência. Segundo especialistas, o artista era um estudioso da anatomia humana e deu a forma de um cérebro ao nicho onde aparece Deus na pintura, no exato momento da criação do homem.

Dublando uma marmota

Fui adolescente na década de 1970. Minha arte foi forjada no auge do psicodelismo, do rock progressivo inglês e de um teatro brasileiro que servia como trincheira contra pensamentos autoritários. Não havia internet, mas o ridículo já circulava – apenas se escondia melhor.

Hoje, o mercado cultural virou passarela de seguidores: quem tem talento, currículo e rugas perde para quem posta dancinha com filtro. Etarismo virou critério de exclusão elegante. “Adoramos teu trabalho, mas queremos algo mais... jovem.” Jovem quem, cara-pálida? Alguém que nunca pisou num palco, mas tem 250 mil seguidores vendo ele comer tapioca?

Sim, eu sou do tempo em que o talento se provava no palco, no set, na sala de ensaio e no estúdio. Tempo em que errar o texto era corrigido com generosidade – e não com cancelamento.

Mas atenção: não é ranço. Claro que há jovens talentosíssimos. Muitos. Trabalho com alguns, aprendo com outros. Alguns, inclusive, têm tanto brilho que nem precisam de filtro. São inquietos, criativos, comprometidos. Só que eles convivem, injustamente, com uma onda que confunde juventude com algoritmo.

E aí, meu caro, começa a injustiça: profissionais com décadas de estrada, que já emocionaram plateias inteiras e enfrentaram blackout no meio do monólogo, agora precisam disputar espaço com quem viralizou um vídeo dublando uma marmota. Nada contra a marmota. Mas será que o Paulo Autran, se vivo, teria que abrir uma conta no Threads pra conseguir um papel?

Sigo por aqui. Um pouco mais experiente, sim. Mas indignado com elegância. Confiante de que talento, uma hora ou outra, fura a bolha. E que arte – a verdadeira – não envelhece, não precisa de filtro, e nunca dependerá de wi-fi.

E já que estamos falando de filtros, vale lembrar: o único filtro que me interessa é aquele do café passado na hora, forte, sem açúcar e com gosto de conversa boa. Porque, no fim das contas, o palco não tem filtro, o texto não tem emoji, e o público – ah, o público! – esse sim sabe reconhecer quem entrega alma, suor e verdade. Mesmo que a luz seja fria, o camarim apertado e o cachê... melhor nem comentar.

A ironia de ficar mais pobre

Ele não estará mais neste plano para lembrar do quanto vale um voto de pobreza. É até difícil dimensionar o que significa tal atitude, mas, como muito poucos, a pessoa e os exemplos de Pepe Mujica ensinam a quem quiser aprender esse caro princípio de vida.

Ficam todos mais pobres com a sua perda; por ironia, esse ditado popular hoje é investido de uma enorme simbologia.

E, para ser honesto, foram duas perdas recentes – Pepe e o Papa Francisco.

Quem sabe, na pobreza a humanidade seja mais abundante de bons valores!

À mesa, pedantes e cavalheiros

Confúcio sempre insistiu que não é suficiente a um homem nascer com uma “boa substância nativa”, isto é, uma boa índole natural. Um longo processo de amadurecimento, segundo o Mestre, seria “indispensável para dar a ele a educação indispensável a um cavalheiro”. No melhor resumo dos ensinamentos de Confúcio – Os analectos – em um parágrafo, há uma boa síntese da importância desse equilíbrio: “Quando a natureza de alguém prevalece sobre a educação recebida, o resultado será uma pessoa intratável. Quando a educação prevalece sobre a natureza, o resultado será uma pessoa pedante. Apenas uma mistura bem equilibrada das duas resultará em cavalheirismo”.

Na gastronomia, seguidamente se perde o equilíbrio do cavalheirismo, e o pedantismo vem à tona nos cardápios onde se lê, muitas vezes termos inescrutáveis à maioria como botanitas, brunoise, concassé etc., como se para saborear um prato fosse necessária especialização.

Custa muito esclarecer que botanitas é o nome dado aos petiscos no México? Ou que concassé não passa de uma mistura de vegetais bem picados, geralmente tomates? E que brunoise, palavra francesa que consta em muitos cardápios, e a maioria dos fregueses engole em seco, com medo de pedir a tradução ao garçom, é o legume cortado em pequenos dados?

A mágica da boa mesa

A boa mesa, na verdade, se presta a muita conversa. Às vezes, para enganar ou impressionar fregueses. Foi o caso de Talleyrand, recolhendo os cacos do orgulho francês, depois da derrota de Napoleão em Waterloo, tentando ampliar o apoio à coroa.

Talleyrand, o príncipe dos diplomatas, que dominava a mágica da boa mesa, conseguiu o surpreendente apoio da oposição ao rei Luiz XVIII, num jantar com o terrível Fouché, o homem rude e vulgar que comandou o terror na Revolução Francesa. Talleyrand serviu-lhe um vinho extraordinário e Fouché, sem compreender o tesouro que tinha na taça, preparou-se para beber de um trago, como aguardente. Talleyrand interrompeu-o, segurando seu braço:

“Este vinho deve ser, antes de tudo, saboreado com o olhar. Observe o matiz púrpura!”

Fouché suspirou: “E depois?”

“Depois, o olfato: sintá o suave aroma de frutas silvestres...”

Fouché exasperou-se: “Tudo bem... E depois?”

Talleyrand continuou imperturbável: “Deixe a taça na mesa, sem tocá-la e em silêncio.”

Fouché chegou ao limite da ansiedade: “E agora?”

Talleyrand, solene, completou: “Agora, fala-se sobre o vinho.”

Concordar é uma bobagem

Um dos homens mais sábios da Grécia era um mendigo. E dormia num barril. Quando o rei Alexandre, o Grande, soube da história, quis conhecer o pensador maltrapilho – se ele fosse assim tão sabido, talvez pudesse servir ao império. Diógenes era o nome dele.

Sua filosofia pregava que tudo o que é natural não pode estar errado. Ele usava essa premissa para peidar, urinar e se masturbar em público, mas isso nunca o impediu de ser admirado. Muita gente respeitava sua postura contestadora, sempre denunciando as convenções sociais e a forma como o homem complicava “os mais simples presentes dos deuses”. O casamento, dizia Diógenes, era uma forma de complicar o presente natural do sexo.

Ideias doidas para a Grécia da época – e ainda doidas para o mundo moralista de hoje –, mas movidas por um ideal libertador: o velho insistia que, para alcançar a felicidade, ninguém precisaria depender de qualquer coisa externa à própria existência. Bastaria usufruir dos “presentes naturais” e se livrar das imposições de uma sociedade que mais reprime do que acolhe. Praticamente um hippie, só que 24 séculos antes dos hippies.

Eu aqui, embora isso pouco importe, não concordo com Diógenes: tratar pobreza como virtude pode abrir espaço para que a injustiça pareça aceitável. E é claro que grande parte do povo também discordava dele. A questão é que poucos se recusavam a ouvi-lo: pelo contrário, queriam saber o que ele tinha a dizer simplesmente porque ele tinha, de fato, algo a dizer. Mesmo sendo um velho peidorreiro.

O rei Alexandre, então, foi até o vão de uma escadaria, onde o sábio molambo tomava sol em frente ao barril.

– Que queres que faça por ti? – perguntou Alexandre, em pé, mirando o homem no chão.

O problema é que o rei se metera bem na frente do sol. Diógenes franziu a testa com a sombra incômoda; sujeito inconveniente, esse rei.

– Quero que não me tires o que não podes dar! – e fez sinal para o monarca sumir.

O povo gritou “oh!”, um guarda já sacou a espada, mas Alexandre conteve a tropa enquanto Diógenes bocejava.

– Só não me tires o que não podes dar... – repetia o rei em voz baixa, depois de se despedir.

Diógenes se referia à luz do sol? Ou à própria forma de enxergar o mundo? Porque, se fosse obrigado a servir ao império, mudaria seu jeito de se relacionar com o mundo. O rei refletiu, então, sobre o que aquele homem pensava da existência – talvez nem tenha concordado, mas conseguiu escutá-lo. E por isso saiu dali um pouco maior.

De Fernando Pessoa

“Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e a arte de representar) entretêm. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer dela um sono; as segundas, contudo, não se afastam da vida – umas porque usam de fórmulas visíveis e, portanto, vitais, outras porque vivem da mesma vida humana. Não é o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso”.

Um caminho sem alma

Se me perguntassem como era São Luís quando eu ainda era garoto, não teria a menor dificuldade em esclarecer: era uma cidade com bondes, ruas de paralelepípedes, o Largo do Carmo e a Rua Grande. Nada disso mais resiste.

Pouco ou quase nada sobrou da Rua Grande, que era um lugar com cinemas, confeitarias de variado gosto e vitrines que se podia visitar à noite, sem a mais remota noção do que fosse medo.

As esquinas da Rua Grande eram pontos de encontro da Capital com ela mesma, com direito à torre do Edifício Caiçara, um atrevimento arquitetônico que lembra a ousadia de Zenith, a metrópole de um dos melhores romances da literatura norte-americana – o Babbitt, de Sinclair Lewis.

Peguei ainda o footing, que era assim: pelas calçadas desfilavam algumas das

mais encantadoras garotas que você possa imaginar, e que encantavam com sua elegância e sua beleza os rapazes postados junto ao meio-fio, mendigando um olhar de suas deusas.

Todo esse fascínio se foi... sepultado por um calçadão.

Hoje a Rua Grande é um lugar de pessoas tensas e apressadas, receosas de suas bolsas e de suas carteiras, caminhando por entre lojas que estão longe de ter o toque de refinamento do Magazine Serrano, das privilegiadas janelas das sacadas dos sobradões habitados por famílias ricas ou do mármore das mesas dos cafés.

Hoje, a Rua Grande é um caminho sem alma, o espelho da degradação do que foi um dia o centro rutilante de uma capital que não existe mais.

Fotos/Reprodução



Detalhes de uma São Luís que não existe mais

O segredo da longevidade

No meu caderno de anotações de um tempo que não volta mais, consta a visita anual de aniversário que eu fazia a Sebastião Gomes, meu bisavô materno e uma lenda de minha cidade natal, Presidente Dutra.

Minha última visita foi para comemorar os seus 89 anos, celebrados com um animado baile cuja trilha sonora ficou a cargo de um sanfoneiro de nome Valdír. Galinha ao molho pardo, assado de panela, sarrabulho, salada, arroz, massa caseira, batata-doce, macaxeira... O tradicional festival de carboidratos típico das festas do interior. Uma delícia. Mesas compridas, bancos lotados, muita conversa, risadas e causos. Meu bisavô, emocionado, recebendo os desejos de saúde, felicidade e boa colheita na lavoura da amizade, ao som do Parabéns Pra Você, entoado com entusiasmo no salão de terra batida.

Curioso, certa vez perguntei a ele qual seria, afinal, o segredo para viver tanto e tão bem. Lúcido, bem de saúde e com limitações naturais da idade, seguiu, por mais uns dez anos, morando na mesma casa onde criou os filhos e viveu com a esposa, falecida uns 20 anos antes dele. Respondeu com simplicidade que é não exagerar. Cuidar da alimentação, manter horários para comer, trabalhar e dormir. Nada em excesso. O mesmo no caso de bebidas, que ele aconselhava a não fazer “misturagem”. Disciplina, sobriedade e leveza.

Na mesma cidade, da qual foi influente líder político, ainda circula com desenvoltura, do alto dos seus 104 anos, o advogado provisionado mais antigo em atividade no país: Valeriano Américo de Oliveira. Mas seu ritmo é outro. Um estilo de vida que, mesmo soando

antiquado aos olhos modernos, revela uma profunda conexão com a essência da existência. Da mesma geração, só há registro de outro nome na cidade que um dia foi Distrito de Curador: o Sr. Basiliano Nunes Barros – o Seu Bazu – que este ano está completando 100 anos.

Essas pessoas aparentemente têm algo em comum: não correram contra o tempo. Caminharam com ele. Fizeram da rotina uma aliada, não uma prisão. Encontraram sentido nas pequenas coisas, priorizaram os vínculos, valorizaram o agora.

Talvez a longevidade verdadeira não esteja apenas nos anos vividos, mas na forma como vivemos cada um deles. Em tempos tão acelerados, essas histórias nos convidam a refletir sobre ter menos pressa e mais presença. Porque viver muito é bom.

DE RELANCE

Linha dura: o prefeito do Rio, Eduardo Paes, decidiu impor regras mais rigorosas ao uso do espaço público nas praias cariocas (16 condutas serão proibidas, incluindo música alta). Bem que a moda podia pegar no litoral maranhense. Às vezes é preciso comprar a briga.

Ciência: Estudo afasta presença de água em Marte. Marcas escuras

flagradas em Marte, que aparecem em imagens de satélite da década de 1970, não são água.

Ciência...2: Um estudo publicado na segunda-feira na revista científica Nature aponta que as manchas são, na verdade, poeira seca. O estudo afasta a possibilidade de haver água em Marte, o que diminui as chances de haver vida no planeta.

Savage Genius em São Luís



A cantora japonesa Savage Genius está confirmada no evento Inside Matsuri, que será realizado em São Luís neste domingo (25), às 12h, com entrada gratuita. A artista já esteve na capital maranhense e se apaixonou pela cultura local.

Umezawa Akane, Akane, ou simplesmente Aa, como costuma ser chamada, iniciou a carreira no ano de 2002, junto ao guitarrista Takumi, formando a unidade musical Savage Genius. Takumi saiu em setembro de 2007, e a unidade se tornou o projeto solo de Aa.

Ela entrou em hiato em julho de 2010 por conta de seu casamento e gravidez, retornando aos palcos em abril de 2014, antes de parar novamente em abril de 2016. Em abril de 2018, Aa retomou as atividades como Savage Genius.

Fotos/Divulgação



Maurício Feijó acompanhado do vice-presidente da Fecomércio, Manoel Barbosa e do diretor regional do Senac José Airthon Lopes e brincantes do Barrica



Maurício Feijó acompanhado da esposa Célia, da filha Micheline e da neta, Ana Clara



A Diretora Regional do Sesc e o Diretor Regional do Senac entregaram prêmios dos sorteios realizados



A Diretora Regional do Sesc, Rutineia Monteiro, acompanhada dos Diretores Regina Soeiro e Ribamar Cunha e do empresário Luiz Tarquínio Pereira Cruz



Maurício Feijó (Fecomércio), acompanhado de Fábio Nahuz (Sinduscon), Fábio Ribeiro (CDL), Pedro Robson Holanda (Fiema) e José Airthon Lopes (Senac)



O casal Maurício e Célia Feijó, acompanhados por Luzia e Marcelo Rezende



O vereador Marlon Botão Filho entre o Superintendente da Fecomércio, Max de Medeiros, o Diretor do Senac, José Airthon Lopes e as Diretoras do Sesc, Rutineia Monteiro e Regina Soeiro

SEMANA S DO COMÉRCIO MOVIMENTOU SÃO LUÍS

O presidente da Fecomércio-MA, Maurício Aragão Feijó, e os diretores regionais do Sesc, Rutineia Amaral, e do Senac, José Airthon Lopes, têm muito o que comemorar: com foco na transformação digital, no bem-estar social e na qualificação profissional, a Semana S do Comércio em São Luís mobilizou empresários e a população em uma grande ação promovida em conjunto com a Confederação Nacional do Comércio (CNC), entre os dias 16 e 18 de maio.

Nesta capital, a programação contou com o Innovation Day, voltado ao setor empresarial, e dois dias de intensa oferta de serviços e programação cultural na Praça Maria Aragão, abertos ao público.

De acordo com o presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, a Semana S cumpriu com excelência seu objetivo de aproximar o Sistema Comércio da sociedade e fortalecer a atuação do setor produtivo.

“A Semana S reforça a importância do comércio e dos serviços como motores de

desenvolvimento. O Innovation Day foi uma injeção de ânimo e de novas ideias para os mais de 400 empresários inscritos. E, na Praça Maria Aragão, realizamos uma vasta programação voltada a comerciantes, alunos, jovens, trabalhadores e comunidade em geral, além de oferecer uma programação cultural gratuita. Foi, sem dúvida, uma grande entrega para o Maranhão”, pontuou o presidente.

No dia 16, o Innovation Day reuniu empresários na cobertura do Condomínio Fecomércio/Sesc/Senac, na Avenida dos Holandeses. O evento debateu o futuro do varejo, com foco em tecnologia, automação e marketing digital.

Destques nacionais como Thiago Reis (Growth Machine) e Thiago Muniz (Receita Previsível) dividiram o palco com especialistas maranhenses em dois painéis temáticos. Além do conteúdo de alto nível, o ambiente proporcionou networking e oportunidades para os participantes se conectarem com soluções inovadoras.

Nos dias 17 e 18, foi a vez de a população ser contemplada com uma ampla programação gratuita na Praça Maria Aragão, que ofereceu serviços de saúde, oficinas de gastronomia, empreendedorismo, beleza, bem-estar e inovação com inteligência artificial.

Os espaços do Sesc e do Senac receberam centenas de visitantes, entre comerciantes, famílias e público em geral que puderam experimentar atividades práticas, culturais e inclusivas. O evento também contou com praça de alimentação, espaços interativos e apresentações artísticas, como o Balaio de Sotaques, que animou o sábado (17) com atrações juninas, e o espetáculo Pão com Ovo e show com o Grupo Argumento, no domingo (18).

A iniciativa também celebrou os 80 anos da Confederação Nacional do Comércio (CNC) e destacou o papel estratégico do setor na construção de uma economia mais inclusiva e conectada com as demandas do futuro.



A Diretora de Administração e Finanças acompanhada pela equipe de saúde do Sesc



Diretora de Programas Sociais, Regina Soeiro, acompanhada da equipe de Cultura do Sesc



O presidente da Fecomércio, Maurício Feijó, acompanhado da Diretora Regional do Sesc, Rutineia Monteiro, e José Airthon Lopes (diretor regional do Sesc)



Pedro Robson Holanda, Fábio Nahuz e Fábio Ribeiro



Célia Feijó acompanhada de Ana Aleixo, da filha Micheline Feijó de Sousa e da neta Ana Clara



Os gerentes das Unidades do Sesc em São Luís, Fábio Abreu, Valdinete Reis e Alessandro Batista



A Diretora de Programas Sociais, Regina Soeiro, acompanhada pela equipe de Educação do Sesc



A Coordenadora de Cultura do Sesc, Isoneth Almeida, acompanhada da equipe de Cultura



O presidente da Fecomércio, Maurício Feijó, na entrega de recibos de doação para instituições assistidas pelo Programa Sesc Mesa Brasil



MULHERES HOMENAGEADAS NA ALEMA

Mulheres inspiradoras, com trajetórias marcantes e trabalhos que ressoam na sociedade nas mais diversas áreas foram homenageadas, em uma Sessão Solene emocionante realizada no dia 16 de maio (sexta-feira), no Plenário Nagib Haickel da Assembleia Legislativa do Maranhão (ALEMA).

As homenagens foram propostas pela presidente da Alema, deputada Iracema Vale (PSB), e pelos deputados Neto Evangelista (União Brasil), Ricardo Arruda (MDB) e

Wellington do Curso (Novo).

Receberam a Medalha Manuel Beckman a servidora pública Luzia Waquim, a desembargadora Oriana Gomes e a presidente da Fetaema, Ângela Silva. A Medalha Maria Firmina dos Reis foi entregue à presidente do Instituto Somos Todos Marianas, Carolina Costa. A Medalha Maria Aragão, foi para a vereadora Concisa Pinto; e a Medalha Jackson Lago, para a médica Maria dos Remédios Freitas Carvalho Branco. O Título de Cidadã

Maranhense, foi concedido a educadora Leuzinete Silva.

Em um plenário lotado, a cerimônia reuniu familiares, amigos e admiradores dessas mulheres que são exemplos de protagonismo feminino.

Também participaram da sessão os deputados Catulé Júnior (PP), Antônio Pereira (PSB), Adelmo Soares (PSB), Ana do Gás (PCdoB), Davi Brandão (PSB) e Florêncio Neto (PSB).



A médica Maria dos Remédios Freitas Carvalho Branco recebeu a Medalha Jackson Lago por seus relevantes serviços prestados à medicina e à saúde maranhense



A educadora Leuzinete Silva recebeu o Título de Cidadã Maranhense, proposto pelo deputado Neto Evangelista



Carolina Costa, presidente do 'Instituto Somos Todos Marianas', recebeu a Medalha Maria Firmina dos Reis, proposta pelo deputado Ricardo Arruda



A secretária de estado, Luzia Waquim



Desembargadora Oriana Gomes é homenageada com a Medalha Manuel Beckman, maior honraria concedida pelo Poder Legislativo maranhense. Na foto, os deputados Davi Brandão, Iracema Vale, Wellington do Curso e o desembargador Jorge Rachid Maluf



Rocilda Freitas e filha Maria dos Remédios com a prima Oneide Silva Léda



A presidente da Fetaema, Ângela Silva, recebe das mãos da deputada Iracema Vale a Medalha Manuel Beckman



A médica Maria dos Remédios Freitas Carvalho Branco com Oneide Léda e as filhas Nazi Rodrigues e Rita Itapary



Maria dos Remédios Freitas Carvalho Branco com o filho Gabriel Ribeiro



Rocilda Freitas entre Cristóvão Almeida e esposa



Vereadora Concisa Pinto, ao lado dos deputados Neto Evangelista e Iracema Vale, após receber a Medalha Maria Aragão

Fotos/Divulgação/ Danielle Vieira/Meireles Jr



Alunos de medicina da UNDB à frente do sucesso da III JOMED

SUCESSO DA III JOMED UNDB

Durante dois dias diversos temas relevantes da medicina foram debatidos na III Jornada de Medicina da UNDB, evento promovido pelo Curso de Medicina da UNDB que já é tradicional no meio acadêmico.

O evento reuniu em São Luís profissionais destacados, que debateram temas ligados à inovação na prática médica.

O presidente docente do III JOMED e professor do Curso de Medicina da UNDB, Dr. Rodrigo Sevinhago, frisou o importante papel da Jornada na formação dos futuros médicos. E o Coordenador do Curso de Medicina da UNDB, Dr. Ivan Figueiredo, destacou a importância do tema desta terceira edição que foi a Inovação, e como a mesma está relacionada com a proposta pedagógica do Curso de Medicina da UNDB.

Kenneth Corrêa (SP), especialista renomado nacional e internacionalmente em Estratégia e Crescimento de Negócios palestrou sobre "Inteligência Artificial para agilizar o Consultório". Com uma carreira marcada pela atuação em grandes projetos de marketing, dados e inovação, Kenneth é Administrador, professor de MBA na FGV e autor do livro Organizações Cognitivas. Ele defendeu o uso da IA (Inteligência Artificial Generativa) em consultórios para gerar ganhos de produtividade de 20 a 40% só com



Pedro Barroso, o palestrante Dr. Fernando Tallo (SP), Ingrid Bringel e Maria Eduarda Macieira

o uso das diversas ferramentas disponíveis.

Na conferência magna de abertura o tema foi "Panorama da residência médica no Brasil" com mediação do Dr. Artur Serra, professor do curso de Medicina da UNDB e tendo como palestrante convidado o médico e autor Dr. Fernando Sabia Tallo (SP).

Ele é referência nacional em Clínica Médica, Urgência e Emergência. Com formação acadêmica sólida, Fernando Tallo é Pós-Doutor pela UNIFESP, onde

também atua como chefe de enfermagem e supervisor do programa de residência médica em Clínica Médica. Ele é Secretário-Geral da Sociedade Brasileira de Clínica Médica e integra o corpo clínico do Hospital Albert Einstein.

Ele destacou o papel relevante da residência médica e seu impacto na complementação profissional, e alertou para o grande prejuízo de quem não faz residência médica, o que é inconcebível em países

desenvolvidos. Mas alertou também para a explosão de cursos de medicina no Brasil e o desequilíbrio no mercado; além dos riscos de quem não faz residência.

No sábado (17), segundo dia da JOMED, a programação abordou vários temas e teve como destaque a palestra magna de encerramento com o Dr. Marcelo Borges (PE). Ele palestrou sobre o "Uso da pele da tilápia em queimaduras" com mediação da Dra. Monique Santos do Carmo e Dr. Artur Serra.



Os médicos e professores do curso de medicina da UNDB, Dr. Artur Serra e Dr. Ivan Figueiredo



As docentes da UNDB e médicas Núbia Barros, Priscila Oliveira, Jacira Serra e Celijane Rodrigues



O Pres. da III JOMED e Prof. do Curso de Medicina da UNDB, Dr. Rodrigo Sevinhago; Prof. Cícero Nilton e Pedro Barroso



Yara Barros, Wheyla Barros e Maria Clara Aragão



Arthur Barros e Larissa Gyanne



As acadêmicas Bianca Ferreira, Letícia Bandeira de Melo Dias e Vaniérika Andrade

TODOS OS POEMAS FELIZES MENTEM

1 É de noite. Fico acordado até que os olhos me doam. É então que abro a janela. Espreito o rio que corre, dolente, e escuto a canção que me diz baixinho: todo amor é vão. Não posso concordar mais. Houve dias em que me senti capaz de caminhar sobre as águas do teu próprio corpo, mas isso foi antes, quando ainda havia tempo nas nossas vidas. De noite tudo dói mais.

2 Mas a noite o que é? É começar a morrer assim, de repente, enquanto a chuva tropeça nos vidros como areia grossa e as coisas, todas as coisas, se esfumam, esbatidas, em meios tons de esquecimento.

Entre o partir de ti e o chegar sem ti, todo eu sou caminho.

3 Era quase meio-dia, o sol a pique, e os dois homens desciam rumo à Igreja do Desterro de mãos dadas. Não havia nesse gesto nada de escandaloso, romantismo nenhum. Um dos homens levava ares de vagabundo ou de náufrago e agarra a mão daquele que levava uma mochila às costas, mais seguro este. Iam em direção à velha igreja românica do fundo da rua e o seu modo de se darem as mãos não era sequer fraterno. Iam de mãos dadas como quem se ampara para atravessar, às escuras, um pedaço de chão que se não conhece – como se o simples toque das mãos de um nas mãos do outro fosse capaz de tornar mais segura a caminhada.

Desciam a rua de mãos dadas e era como se atravessassem a vida toda em poucos passos.

4 Há quem recorra às drogas e ao álcool, à meditação, às propriedades alucinantes de certas plantas. Mas bastam uns óculos de sol para criar um paraíso artificial. O mundo fica mais intenso e contrastado quando olhado através das lentes escuras. As nuvens, por exemplo – sucede-me frequentemente emocionarmos-me com o dramatismo de certas nuvens, com a sua espessura grave, a sua consistência quase excessivamente corpórea e sombria. Depois tiro os óculos de sol para ver melhor e, afinal, nada daquilo existe e no céu não há senão banalíssimas e insonsas nuvens brancas.

5 Infelizmente os meus sócios são, na verdade, falsos duplos. Não posso fazer-me representar por eles, o que, ocasionalmente, seria de grande utilidade. Dava-me jeito, por exemplo, ter um múltiplo que trabalhasse por mim. Mas não é só isso. Fulano aborrece-se comigo porque não vou mais aos Lençóis Maranhenses. Beltrano zanga-se porque não vou a Maputo. Sicrano apreciava que eu desse um salto a Nova York. Gostava de lhes fazer a vontade e, ainda, de dar um pulo a Buenos Aires, ao Rio de Janeiro, a Dublin, a Tóquio e a Havana. Mas não disponho de vidas que cheguem para tanto mundo.

6 Com o verão tropical vieram também os ventos gerais, essa nortada agreste que varre a costa e despenteia os cabelos nas moças, levanta volutas de pó, engelha a superfície do mar, verga as árvores de constituição mais frágil e dobra os arbustos; que agita as saias das mulheres, arrefece os corpos deitados ao sol e rouba chapéus a quem os tenha. É vigoroso e indômito, este vento, e parece capaz de arrastar tudo consigo, de levar para longe todas as coisas leves que se lhe atravessarem no caminho – tudo exceto os maus pensamentos e as recordações, aquelas que são amargas e as que continuam doces.

7 Luta pelos teus sonhos! Vai atrás deles!, dizem. E até parece fácil. Não é. Há ocasiões em que os sonhos deixam de estar disponíveis. Também há o risco de, uma vez lá chegados, os sonhos não serem exatamente como os tínhamos imaginado – e serem, antes, uma coisa amarga e feia, cruel. E é também conveniente gastar os sonhos com parcimônia, sobretudo quando não se tem muita imaginação ou ambição. Um tipo modesto, que corra atrás dos seus sonhos todos, depressa se verá confrontado com a falta de um motivo suficientemente forte para se levantar da cama todos os dias.

8 Há uma ideia romântica associada ao nascer do dia, a qual, após dois dias de denodada investigação, me parece manifestamente exagerada. Está bem que é engraçado ouvir os pássaros chilreando invisíveis entre as folhas das árvores. Muito certo. E a luz diáfana da manhã principiando a erguer-se no horizonte também não é desengraçada. Mas, àquela hora do dia, um tipo está normalmente demasiado fatigado e ébrio para conseguir apreciar o instante. Ou seja: o nascer do dia não devia acontecer antes das três da tarde.

9 Toda a beleza conjugada no passado dói. É de lei. Por isso é que todos os poemas felizes mentem. Não sabem fugir à gramática e o tempo que morreu não se ensina – tudo o que não é repetível impõe uma ferida. Queria repetir-te. Mas não posso. Deixar-te. Mas atrasaram-se os passos. Tentarei uma inutilidade qualquer como inventar-te um pouco mais ao lado. Mas será tarde e será longe.

10 Fernando Pessoa ensina: "Quem quer dizer o que sente não sabe o que há-de dizer. Fala parece que mente, cala parece esquecer".

Gosto de viajar. Emociona-me quando cai a noite. Seja no Ocidente ou no Oriente, pouco importa. A noite é sempre igual e cúmplice, em qualquer lugar. Afinal, há uma coisa boa de viajar de Oriente para Ocidente, ao fim do dia: a eternidade do pôr-do-sol.

Foi há muito tempo, lembro, que lhe dei a lua numa noite em que a lua estava cheia.

– Toma-a, é tua! – disse.

E ela saiu à rua para agarrar o presente com os olhos.



Designer Ana Izabel lança a Coleção Vida

A designer de joias e semijoias Ana Izabel Fernandes Azevedo acaba de lançar em grande estilo, com a presença de mulheres de destaque da sociedade maranhense, sua mais nova coleção, que pode ser conferida na loja Ana Izabel Conceito, no primeiro andar do Comercial Dhelim, situado na Av dos Holandeses (Calhau). As peças criadas por Ana Izabel são de alta qualidade e se destacam por sua elegância e sofisticação. Essas criações, que pertencem à categoria de Joias, Semijoias e Bijuterias, trazem consigo uma proposta única, oferecendo uma ampla variedade de produtos que vão desde correntes e colares até brincos e pulseiras. Com

materiais de excelente qualidade e design cuidadosamente elaborado, essas joias e semijoias são perfeitas para complementar qualquer look e adicionar um toque de glamour e estilo. A coleção Vida, segundo Ana Izabel, nasceu com a delicadeza de quem nunca desistiu de sonhar e voar. “Aprendi a criar com a mão esquerda e cada peça foi desenhada para ser um ninho: um espaço de aconchego e renascimento. A Coleção celebra o início e a continuidade da Vida, o gesto silencioso que protege, o cuidado que sustenta, o amor que se multiplica”, comenta a designer. Ainda segundo Ana Izabel, “Há um lugar onde o tempo repousa em silêncio, feito de cuidado e amor. Ali, entre galhos

entrelaçados com delicadeza, nasce o abrigo mais precioso: o ninho. Assim é o coração de uma mãe – refúgio, asas e céu aberto. Uma joia rara, um lar eterno, onde quer que estejamos. Esta coleção, inspirada na dança dos pássaros e na força de quem cuida, celebra o instinto mais belo: acolher, nutrir, proteger e libertar”. Ana Izabel dividiu a criação com a também designer Telma Fanuchi. E usou materiais como Metal, Banho ouro, Antialérgico e Pedras zircônia. Uma Coleção para quem faz do amor o seu ninho. “É o balançar do mundo no ritmo do coração de uma mãe. É canção sem letra, é calma que embla. É o primeiro abrigo, o colo, o silêncio quente. É o começo de tudo – e o desejo”.



Dani Braide



Lenny Giffonny



Jacira Haickel



Claudio Azevedo e Ana Izabel com Dani Braga e Pádua Andrade



Ana Izabel com Andréa e Fernanda Mendonça



Time Ana Izabel conceito



Marinês Todescatto e Ana Izabel



Nathália Milhomem e Ana Izabel



Raissa e Márcia Belo com Ana Izabel



Ana Izabel e Liane Naressi



Ana Izabel entre Claudia e Jussara Gaspar



Ana Izabel com Lou Marques e Noélia Rocha



Dani Braide, Lara Moreira e Lenny Giffonny



Carneiro Sobrinho com a esposa e a cunhada Ana Izabel



Ana Izabel e Luzia Rezende



Camila Joare, Renan, filha Vida (foi sua inspiração)



Ana Izabel e a Talita Seabra

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

_evandrojr

@evandrojr



Carlos Augusto e Hélia Teixeira, governador e primeira-dama do Rotary Distrito 4490, com o representante do Rotary International, Joseph Faber, de Luxemburgo, que participa da 74ª Conferência Distrital do D-4490

Conferência do Rotary Club movimentou o Centro de Convenções

Começou, no Centro de Convenções Pedro Neiva de Santana, a 74ª Conferência Distrital 2025, do Rotary International, promovida pelo Distrito – 4490. A programação inclui homenagens, reflexões e entrega de medalhas, entre outras atividades.

A palestra magna de abertura teve como tema “A magia do Rotary em nossas vidas”, proferida por Paulo Fonseca e Diva.

Neste sábado, “A Violência doméstica nas músicas” será o tema da palestra a ser ministrada por Selma Martins. Haverá, ainda, apresentação do governador designado Fernando Malheiros, seguida de mensagens.

Haverá, ainda, um baile de máscaras animado pelo Bicho Terra, Máquina do Tempo e PP Júnior. A programação paralela inclui reuniões, almoços, treinamento, entre outras atividades.

História e impacto global

O evento é uma oportunidade única de celebrar a história e o impacto global de uma das mais tradicionais e respeitadas organizações de serviço do mundo. Sob a liderança do casal Carlos Augusto e Hélia Teixeira, os associados dos Rotary Clubs de São Luís conduzem uma programação repleta de homenagens, momentos ecumênicos e celebrações que refletem o espírito de união, solidariedade e compromisso que há décadas transforma vidas ao redor do planeta.

O Rotary Clube, entre outras coisas, desenvolve diversas ações sociais em diferentes áreas, buscando melhorar a qualidade de vida e criar um mundo mais pacífico. Essas ações são pautadas por sete áreas de enfoque: promoção da paz, combate a doenças, água limpa e saneamento, saúde de mães e filhos, apoio à educação, desenvolvimento econômico e proteção do meio ambiente.

Resolução de conflitos

Apoia projetos que buscam a resolução de conflitos, o desenvolvimento de líderes pacificadores e a promoção da justiça e da tolerância. Trabalha para erradicar doenças como a poliomielite, além de apoiar iniciativas de combate ao câncer, HIV/AIDS, entre outras. Promove projetos que visam garantir o acesso à água potável e ao saneamento básico para comunidades carentes. Além disso, apoia projetos que buscam melhorar a saúde materna e infantil, incluindo a redução da mortalidade infantil e a promoção da saúde reprodutiva.

O Rotary também apoia a educação por meio de projetos que buscam melhorar a qualidade do ensino, promover a alfabetização e o acesso à educação para todos, bem como promove projetos que visam criar oportunidades de trabalho, desenvolver a economia local e empoderar mulheres e jovens, e aqueles que buscam proteger o meio ambiente, promover a sustentabilidade e combater as mudanças climáticas.



QUEM CELEBRA MAIS um ano de vida neste domingo (25) é o dinâmico empresário Werter Bandeira. No comando do restaurante e espaço de eventos Villa do Vinho Bistrô, ele se divide entre os papéis de empresário e de um talentoso produtor de eventos, sempre surpreendendo clientes com o que há de mais moderno no universo da gastronomia, enologia e eventos. Ao lado de Beto Soares, o aniversariante passa a data em São Paulo, onde se envolve com cursos de arranjos florais em Holambra e cumpre outros compromissos profissionais



Thaynara OG entre Maria Fernanda Sarney Santos e Alex Barbosa, durante visita ao Grupo Mirante

São João da Thay

Thaynara OG deu o ar da graça no Grupo Mirante esta semana. A celebridade do mundo digital (e de outros mundos também) foi recebida pela diretora de Mídias Eletrônicas da empresa, Maria Fernanda Sarney Santos. Após um tour pelos diversos setores, ela esteve, também, com o diretor de Jornalismo da TV

Mirante, o jornalista Alex Barbosa.

A visita não poderia render outro assunto senão o São João da Thay 2025, confirmado para os dias 6 e 7 de junho, no Espaço Reserva, ao lado do Shopping da Ilha. O megaevento será gratuito este ano. OG vai arrebentar a boca do balão,

como se diz na gíria nordestina pegando carona na festa mais esperada do Brasil.

Com o tema “A Amazônia começa aqui”, o evento da maranhense reforça a proposta de promover as culturas do Norte e Nordeste, apresentando uma programação diversificada e inclusiva.